

Ano XXXVII - N.º 01

Revista Mensal

2,50 €

Janeiro 2021

MENSAGEIRO

de SANTO ANTÓNIO

2021
TEMPO
PARA
CUIDAR

REPARAR AS BRECHAS
E CURAR AS FERIDAS



Sumário



Janeiro 2021 | N° 01 | Ano XXXVII

EDITORIAL

- 3** A cultura do cuidado
Frei Severino

VOZ PARA VÓS

- 4** Três palavras para 2021
Fabrizio Bordin

HOMEM E SOCIEDADE

- 6** **Natureza e fé**
Natal em tempo de Pandemia:
um pensamento ecológico
Pedro Bingre do Amaral

- 8** **Ponto e contraponto**
Aprender a sentir e a chorar
Idalino Simões

- 10** **Traços de uma Presença**
O Cuidado
azimute para um tempo novo
Juan Ambrosio

- 12** **Pés na terra**
Tudo o que é amável
Inês Espada Vieira

- 14** **Memória e tradição**
Santo António 1221
Pedro Teotónio Pereira

ESPECIAL

- 15** **Abertura Fratelli Tutti**
Juan Ambrosio (Coord.)
A Política Melhor: *Francisco Vaz*
O amor eficaz: *Inês Espada Vieira*
Povo: *Américo Pereira*

IGREJA A CAMINHO

- 24** **Sinais dos tempos**
A esperança
em tempo de pandemia
Manuel António Ribeiro

- 32** **Espaço nova geração**
Beato Isidoro Bakanja
Luís Leal

CULTURA

- 26** **Artes e Letras**
Livros
Rui Vasconcelos
Cinema
Pe. Manuel Monteiro Mendes

PÁGINAS ANTONIANAS

- 23** **Orações a Santo António**
28 **Nos Passos de António - 10**
A dureza do caminho
Fabio Scarsato
Pela estrada fora
Nicoletta Masetto

- 33** **António hoje**
Um centro contra a COVID-19
Frei José Carlos Matias

- 34** **Santo António, mestre da palavra**
A estrela do Oriente
Frei Valentim Strappazzon

CONTRACAPA

- 36** **Fratelli Tutti**
Um sonho desfeito em pedaços
Foto: *Joana Simões Piedade*

Diretor

Frei José Augusto Marques
(Carteira Profissional TE-101)

Diretor-adjunto

Secundino Correia
(Carteira Profissional TE-1302)

Administrador

Frei Domenico Celebrin

Redação

Frei Severino Centomo

Proprietário e Editor

ACMSA - Associação Cultural
Mensajeiro de Santo António,
entidade sem fins lucrativos
(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Administração, Redação e Edição

Estrada de Assafarge, n.º 6
3040-718 Castelo Viegas

Atendimento:

segunda a quinta
das 10:00 às 12:30
e das 15:00 às 17:00

NOVO Telefone: 239 097 984

Correio eletrónico

mensajeiro.assinantes@gmail.com

Preço da assinatura anual

Só digital:	15 €
Portugal:	22 €
Europa:	35 €
Fora da Europa:	50€ - \$75 (CAN)
Amigo:	50 €
Benemérito:	100 €

Preço avulso:	2,50 €
Números atrasados:	3,50 €

NIB da ACMSA

001000004251041000159

IBAN da ACMSA

PT50001000004251041000159
SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão

SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda
Travessa Sá e Melo, 209
4471-909 MAIA

Número de Registo: 113.612

Depósito Legal n.º 26.837/89

Estatuto Editorial

<https://santoantonio.live/about/>

Edição digital

<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior:

2.750 exemplares



Capa: Uma menina palestina brinca junto à tenda da família, num bairro pobre da cidade de Younis, no sul da Faixa de Gaza. Foto 2013, EPA / ALI ALI.

Editorial: Alunos à porta da Escola Secundária José Falcão, no dia que assinala o regresso às aulas, com as regras no contexto de pandemia da Covid-19, em Coimbra, 17 de setembro de 2020. PAULO NOVAIS/LUSA

O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012.



A cultura do cuidado

Frei Severino Centomo

A cultura do cuidado, como “compromisso comum, solidário e participativo para proteger e promover a dignidade e o bem de todos” e como “disposição a interessar-se, a prestar atenção, disposição à compaixão, à reconciliação e à cura, ao respeito mútuo e ao acolhimento recíproco”, constitui um caminho privilegiado para a construção da paz, para erradicar a cultura da indiferença, do descarte e do conflito, que hoje muitas vezes parece prevalecer”.

É isso que o Papa Francisco propõe na Mensagem dirigida a todos os homens e mulheres de boa vontade por ocasião do 54º Dia Mundial da Paz.

O Papa Francisco lembra a todos o que já escreveu na Carta encíclica *Fratelli Tutti* (Todos Irmãos):

É necessário desenvolver em vários lugares do mundo processos de paz que levem à pacificação; são necessários «artesãos de paz» dispostos a escrever uma nova página da história, uma página cheia de esperança, cheia de paz, cheia de reconciliação.

Por isso, o Papa convida todos a tornar-se profetas da cultura do cuidado, para colmatar as inúmeras desigualdades sociais. E aponta para dois elementos indispensáveis para que o barco, no qual nos encontramos todos, possa chegar a bom fim: o “leme da dignidade da pessoa humana” e a “bússola dos princípios sociais fundamentais”.

A mensagem do Papa coloca-se na continuidade de um ensino e de uma pregação que, de forma apaixonada e interpeladora, pretende chamar a atenção sobre a necessidade de dar um novo rumo à nossa existência. Não podemos continuar assim – afirma o Papa – porque corremos o risco de afundar o barco no qual navegamos e de irmos ao encontro de uma tragédia de proporções inimagináveis.

A mensagem não pretende anunciar catástrofes, mas é um alerta: estamos a estragar o tesouro que temos, estamos a deturpar a obra da criação que recebemos, estamos a tornar a

nossa vida complicada, injusta e infeliz. É preciso, portanto, uma nova forma de estar e de viver; é preciso uma nova política, uma nova economia e, também, uma nova forma de ser igreja!

Todos somos indispensáveis na construção deste novo mundo e ninguém pode auto-excluir-se.

O diálogo e a co-responsabilidade devem constituir os carris do comboio no qual viajamos, certos de que o “maquinista” que nos foi dado (o Emanuel – Deus connosco) nunca nos deixará sós nesta aventura.

Um novo ano começou sem festejos e sem loucuras... Mas, como diz a sabedoria popular, nem todo o mal vem para nos causar mal. A pandemia que ainda estamos a viver, obrigamo-nos a refletir e a discernir. Ojalá saibamos percorrer os novos caminhos, despertando para uma nova esperança, nova vida!

Para todos, um abraço de paz e bem.



Três palavras para 2021

Frei Fabrizio Bordin

Costumamos viver a passagem do ano, deitando para trás o que não presta do ano que acaba e sonhando algo diferente para o novo que aí vem.

Contudo, sabemos bem que não é possível arrumar na gaveta as coisas “más” de 2020, sobretudo o “maldito vírus” que prostrou o mundo, ao nível da saúde e da economia, esperando que o 2021 seja totalmente melhor.

As muitas “pandemias”, que afligem o mundo e quem o habita, não irão desaparecer num piscar de olhos. Então talvez seja mais realista pensar que o “dois-mil-e-vingte-e um” poderá ser “melhor” se eu mesmo me tornar melhor?

Na transição do 2020 a findar para o 2021 a nascer, procurei colocar na minha mochila algumas “palavras-chave” que me ajudassem a encontrar um estilo de vida para “tornar melhor” o ano que me é dado viver.

Acredito que debaixo das cinzas provocadas pela pandemia da Covid-19, podemos encontrar umas “brasas” para reacender o lume da esperança de uma vida renovada.

Grandes ideais e personalidades surgiram no meio das devastações provocadas pela Segunda Guerra Mundial, dando vida a movimentos ecuménicos na Igreja e a organizações que trabalharam pela paz e a união do continente europeu.

A PRIMEIRA PALAVRA-CHAVE QUE CONVIDO A COLOCAR NA MOCHILA DE 2021 É, ENTÃO:

SOBRIEDADE

A pandemia em que caímos, em 2020, mostrou quanto é real o que a encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco denuncia: a Terra, nossa mãe, nossa irmã, clama, grita, porque sofre por nossa causa e não aguenta mais. É necessária uma “conversão ecológica” com uma antropologia diferente. O homem não pode continuar a estar no centro do planeta, usando e abusando, dando cabo da biodiversidade, servindo-se de uma economia que não olha ninguém na cara.

Perante a cultura do consumir e deitar fora o que não serve, somos chamados a um estilo de vida sóbrio.

A sobriedade é a resposta do crente e não crente ao chamado para uma conversão ecológica integral que o nosso planeta clama. São Francisco de Assis, soube assumi-la com motivações religiosas: ser pobre, como Cristo foi pobre até à sua paixão e morte na cruz. Contudo, São Francisco deixou-nos na pobreza e na sobriedade um estilo de vida reconciliado com todas as criaturas e a inspiração para uma economia de comunhão e de solidariedade para com os mais pobres.

NA “SACOLA 2021”, PARA ALÉM DO CUIDADO DA CASA COMUM (SOBRIEDADE), QUERO COLOCAR UMA SEGUNDA PALAVRA-CHAVE:

AMABILIDADE

O fruto da reflexão feita pelo Papa Francisco e seus colaboradores, em tempo de pandemia, sobre os males que afligem o mundo, foi a encíclica *Fratelli Tutti*. Somos “Todos Irmãos” – afirma o Papa – dentro de um “mesmo barco”, chamados, não a fugir, mas sim a navegar “na tempestade” do tempo presente, para sairmos dela, “melhores” e não piores. É que tenho a sensação que corremos o perigo de ficarmos piores: revoltados, fechados em nós mesmos, chateados uns com os outros, agarrados a uma salvação individualista (“salve-se quem puder”).

Falando da boa política, do diálogo e da amizade social, na encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa convida a cultivar a amabilidade, para nos tornamos “estrelas no meio da escuridão” (FT 222). Veio-me à mente o epi-

sódio do “lobo feroz”, narrado nas Florinhas de São Francisco, que ameaçava os habitantes da cidade de Gúbio, sobretudo as crianças que queriam brincar. Quando Francisco chega à cidade de Gúbio percebe que a solução não é ir à caça do lobo para dar cabo dele, mas encontrá-lo e falar-lhe. Leiam o discurso de São Francisco (*Florinhas*, cap. XXI) ao lobo e depois aos habitantes de Gúbio. O lobo recebeu a bênção do Santo e ficou manso, os habitantes acolheram o animal reconciliado e procuraram dar-lhe alimento.

A amabilidade, em tempo de lobos, de populismos e de *fake-news* usadas para “semear pânico” em lugar da “corresponsabilidade”, é um grande desafio. Quanta agressividade circula também na Igreja e nas comunidades cristãs! Amabilidade significa domesticar o lobo que está dentro de nós.

A terceira palavra-chave vem de uma personagem “despercebida” da devoção popular: São José. Grande coragem teve o Papa Francisco em propor em tempo de pandemia na transição para o ano 2021 a figura de São José. Quando vemos uma velhinha tocar a imagem de um santo, na igreja, pensamos que é uma “beata”. Eu vi o Papa Francisco fazer isto em 2010, na Argentina, quando ainda era arcebispo de Buenos Aires; vinha para celebrar a missa com os frades e no claustro tocou a imagem de São José e fez o sinal da cruz. Não me atrevi pensar que era um beato, mas afinal podia pensá-lo!

É útil ler a carta que o Papa Francisco escreveu sobre São José, “o homem que passa des-

percebido, o homem da presença quotidiana discreta e escondida”, um modelo para tantas pessoas “que estão, aparentemente, escondidas ou em segundo plano... que não aparecem nas manchetes dos jornais e revistas, nem nas grandes passarelas do espetáculo, mas que, hoje, estão, sem dúvida, a escrever os acontecimentos decisivos da nossa história”.

A TERCEIRA PALAVRA-CHAVE QUE PONHO, ENTÃO, NA MOCHILA DE 2021, RETIRO-A DA FIGURA PROPOSTA PELO PAPA FRANCISCO DESDE O INÍCIO DO SEU PONTIFICADO ATRAVÉS DA FIGURA DE SÃO JOSÉ:

CUIDADO

Cuidar do outro é o segredo da grandeza escondida de São José, que só os pequeninos e simples, sabem entrever e procurar. Vejam bem, o cuidar de José nasce do seu amor casto que significa – para o Papa Francisco – viver na lógica da “liberdade da posse em todos os campos da vida”. São José “soube amar de maneira extraordinariamente livre. Nunca se colocou a si mesmo no centro; soube descentralizar-se, colocar Maria e Jesus no centro da sua vida”.

**Sobriedade,
amabilidade,
cuidado,
três atitudes chave
para entrar
com renovada energia
em dois mil e vinte e um.**

Nos 150 anos da proclamação de São José como guardião universal da Igreja, pelo Papa Pio IX, o Papa Francisco proclama 2021 o “Ano de São José”, através da Carta Apostólica *Patris Corde* “Coração de Pai”. Foto: *São José com o Menino Jesus nos braços*, de Guido Reni (1575-1642), Hermitage Museum / Commons Wikimedia.

Natal

em tempo de Pandemia: um pensamento ecológico

Fotografia do céu noturno com tempo de exposição lento, monte Machapuchre, Nepal, 21 dez 2020. Foto: EPA / Narendra Shrestha.

Pedro Bingre do Amaral

De há trezentos anos a esta parte a Humanidade alterou radicalmente a sua relação com a Natureza e com ela própria.

A partir do século XVIII a ciência estudou e aprendeu a dominar a energia fóssil e nuclear, a transformar em eletricidade o movimento dos rios e dos ventos, a manipular os genes dos organismos e a escrever algoritmos de inteligência artificial para emprestar um semblante de raciocínio a autómatos.

Passámos a viver mais tempo, mais confortavelmente, mais esclarecidamente, mais previsivelmente. Dir-se-ia que o único mistério das coisas passou a ser o de não terem mistério nenhum – até ter chegado a pandemia de 2020 e nos ter abalado a ilusão de estarmos ao abrigo de contrariedades naturais.

Esta ilusão é vã (como todas as ilusões, por definição) e de todo alheia ao ideal de Sabedoria ensinado pelas Sagradas Escrituras.

O cristianismo teve sempre como pano de fundo o mistério da existência, imprevisível, inabarcável. Compreender a Técnica ou a Ciência é necessário, porém insuficiente para vivermos. Não é mister do cientista nem do engenheiro sacralizar a vida, exaltar o amor ou amparar o luto perante a morte: essas tarefas competem à religião e às artes que a apoiam.

Em contrapartida, a Ciência e a Técnica esclarecem-nos sobre as condições materiais em que vivemos – e lançam-nos importantes alertas.

Pelo início da Era Cristã habitavam o planeta cerca de 170 milhões de seres humanos, cujas vidas eram paupérrimas e, em geral, ceifadas durante a juventude pela doença, pela fome ou pela guerra. Os ensinamentos cristãos ensinavam – como ainda ensinam – os fiéis a empenharem-se em viver religiosamente o momento presente, não buscar o sentido da vida na acumulação de riquezas inúteis, a buscar a luz no amor ao próximo e na devoção à bondade.

Hoje somos 7.800 milhões, incomparavelmente mais ricos (em média) e mais longevos. O facto de compreendermos a célula e o átomo faz-nos por vezes pensar que por extensão já compreendemos o sentido da vida e apreendemos a correta noção das prioridades – e que a maior delas é consumir objetos e por meio deles conquistar estatuto social. Sucede que a Natureza não suporta tais caprichos.

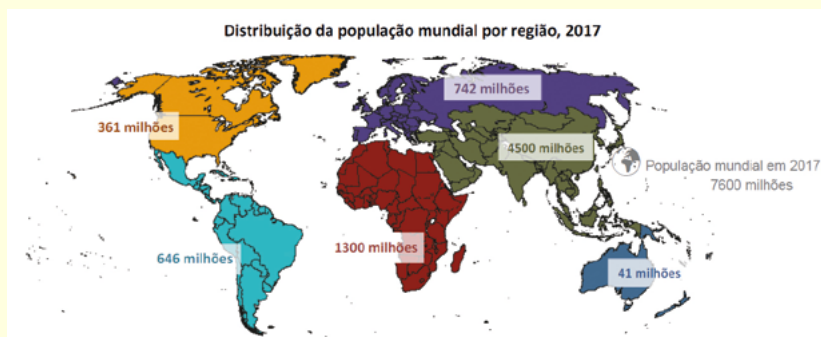
Veio o ano 2020 da Era Cristã e com ele a pandemia COVID-19. Confinados em nossas casas, passámos a constatar como são inúteis as pilhas de objetos que muitos de nós acumulámos em casa: objetos tantas vezes poluentes e causadores da crise ecológica actual; tantas vezes produzidos em condições de semi-escravatura no outro lado do mundo, causando crises sociais; objetos que de nada servem a quem morrer prematuramente devido ao coronavírus.

Começou entretanto o Advento. Com ele recebemos de novo a mensagem cristã a mesma que nos interpela há dois mil anos, na paz e na guerra, na saúde e na doença, e nos ensina a lidar com a natureza e seus mistérios. No seu imo, trata-se da mensagem mais simples e poderosa de todas: o segredo e o sentido da vida é amar. ■

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO MUNDIAL

O Museu de História Natural dos Estados Unidos fez uma linha do tempo, transformada em vídeo, onde mostra a evolução da população mundial desde o ano 100 mil antes de Cristo, até os nossos dias. Ver em https://youtu.be/PUwmA3Q0_OE.

É impressionante constatar a evolução da população mundial nos últimos dois séculos. A explosão demográfica fez a Terra passar de 1000 milhões, para 7000 milhões de habitantes. Isso é ainda mais significativo tendo em conta que, para atingir os primeiros 1000 milhões de pessoas, o planeta levou 200 mil anos.



O vídeo começa com os humanos habitando a África e iniciando a migração para outros continentes por volta de 100 mil antes de Cristo. Até o ano 10 mil A.C. a população estimada da Terra era de um milhão de pessoas, porém, com o advento da agricultura atingiu 170 milhões no ano 1 depois de Cristo.

A população continuou a crescer até meados do ano 1300, quando o mundo foi atingido por uma pandemia de peste bubônica, que provocou um declínio populacional. Depois o crescimento foi recuperado, até chegar ao *boom* populacional dos últimos 200 anos. A estimativa é que o planeta chegue aos 9000 a 11000 milhões de pessoas, em 2100. A evolução real vai depender, no entanto, de vários fatores de incerteza, como a taxa de natalidade, a distribuição da riqueza gerada, o acesso aos sistemas de educação e saúde, desastres naturais e ecológicos, guerras e pandemias.

Apontamento da Redação

Fonte: Nações Unidas - <https://population.un.org/>



PEDRO BINGRE DO AMARAL

Professor, pesquisador e consultor em tópicos relacionados à aplicação da Ecologia ao Planeamento do Uso do Solo. Desde 2005, começou a focar a sua atenção mais estritamente no estudo das políticas de uso da terra e seus efeitos na qualidade do desenvolvimento urbano e na gestão da terra rural.

Especialidades: ecologia, ecologia da paisagem, ordenamento do território, políticas de uso do solo.

Aprender a sentir e a chorar

Idalino Simões

Na sua icónica visita a Lampedusa o Papa Francisco foi chorar por “aqueles que ninguém chora”.

Uma sociedade de bem-estar afasta o choro, a morte. No dizer do Papa Francisco, com esta sociedade “desaprende-se o sentir e o chorar...”.

Mas o confinamento da nossa fragilidade obriga-nos a reaprender o choro, a sonhar os afetos e a reencontrar os laços. O sonho de Jeremias: “Dar-lhes-ei um coração novo e infundirei no seu íntimo um espírito novo. Arrancarei do seu corpo o coração de pedra e dar-lhes-ei um coração de carne,” ganha novo sentido quando procuramos o tempo de Deus.

Isaías e João Batista são figuras emblemáticas que nos remetem para os tempos messiânicos e anunciam novas oportunidades para a vida e para o mundo. O sonho dos tempos messiânicos

de Isaías foi repetido de uma forma brilhante por Thiago de Melo no *Estatuto do Homem*:

Artigo VI

*Fica estabelecida, durante dez séculos,
a prática sonhada pelo profeta Isaías,
e o lobo e o cordeiro pastarão juntos
e a comida de ambos terá o mesmo gosto de aurora.*

João Batista proclama a chegada do “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” e anuncia que Ele já está entre nós: “No meio de vós está alguém que não conheceis”.

O Advento é oportunidade. A espera é brecha por onde descortinamos a luz da esperança. A vigilância é o desafio de encontro para perceber os sinais d’Aquele que vem.

Urge escutar a Palavra que se encarna na vida dos corações atribulados e pobres, simples e puros, promotores de paz e de justiça, odiados, perseguidos e misericordiosos.

O advento é o tempo de cuidar dos caminhos, de endireitar as veredas para que haja lugar para o Esperado das nações.

Passado esse tempo de espera, vivemos este tempo de Deus experimentando a celebração do Natal como Luz e como plenitude de vida. Mas também de coração apertado. No silêncio e na solidão. Porque à pandemia COVID junta-se a pandemia climática, e, se não houver solidariedade, anuncia-se uma dramática pandemia da fome, mais terrível que esta que nos atravessa e que já está visível nos 30 000 000 de pessoas que só sobrevivem com a ajuda humanitária.

Este tempo de Natal, mas também de pandemia, é um convite a pensar um mundo outro, um mundo salvo. É um mundo amado por Deus, de tal modo que “Ihe enviou o seu Filho Unigénito”.

Na fragilidade do nosso Deus, nascido entre pastores, nas margens da grande Cidade, urge encontrar soluções de saúde para o homem e para a nossa Terra ferida.

Como diz o P. António Spadaro:

É evidente que é preciso pegar novamente nas mãos a encíclica Laudato si, encíclica sobre a casa comum que não é apenas uma encíclica sobre o ambiente, mas que também diz respeito à doutrina social da Igreja. Ela leva a compreender as questões ecológicas que têm um impacto muito forte e devastador sobre a vida nesta nossa Terra e sobre a justiça social. Essa encíclica é um ato de liderança global que supera também as fron-

teiras entre crentes e não crentes, e indica uma direção... Nunca, como neste momento, percebemos que as fronteiras, de facto, não têm valor, precisamente porque o vírus as cruza com grande facilidade. Existe uma humanidade que nos faz sentir como irmãos, porque compartilhamos exatamente o mesmo problema.

Mas é na *Fratelli Tutti* que o Papa Francisco remete para uma atitude frontal de conversão da vida e das instituições no pós COVID. Urge aprender novas formas de vida e não apenas mudar alguma coisa para que tudo continue igual, de uma forma ‘Lampedusiana’:

Passada a crise sanitária, a pior reação seria cair ainda mais num consumismo febril e em novas formas de autoproteção egoísta. No fim, oxalá já não existam «os outros», mas apenas um «nós». Oxalá não seja mais um grave episódio da história, cuja lição não fomos capazes de aprender...

Se não conseguirmos recuperar a paixão compartilhada por uma comunidade de pertença e solidariedade, à qual saibamos destinar tempo, esforço e bens, desabará ruinosamente a ilusão global que nos engana e deixará muitos à mercê da náusea e do vazio. ■



Foto de Luis Galvez | Unsplash

À esquerda: Papa Francisco, no início do seu pontificado, desloca-se a Lampedusa para lembrar e rezar pelos refugiados mortos ao atravessar o Mediterrâneo, agosto 2013. Foto: SIR.

O Cuidado azimute para um tempo novo

Frei Mauro Gambetti na altura guardião do Convento de Assis e recentemente nomeado cardeal, saúda Simon Peres, na altura presidente de Israel, na sua visita a Assis, 1 de maio de 2013. Foto: EPA / Pietro Crocchioni.

Juan Ambrosio

A mensagem do papa Francisco para a celebração do 54º dia mundial da Paz – 1 de janeiro de 2021 – tem como título *A cultura do cuidado para o percurso de paz*.

No início de mais um ano, tempo tão oportuno para refazermos compromissos e redesenharmos itinerários, eis que nos é sinalizado de novo o exercício do cuidado como azimute que deve orientar a nossa caminhada.

Para quem não esteja familiarizado com técnicas de caminhada e orientação talvez valha a pena dizer que o azimute apon-

ta-nos uma direção, definida a partir de uma meta à qual pretendemos chegar.

Lembro-me bem dos cursos de orientação que fiz quando comecei a praticar caminhada em montanha. Primeiro ensinaram-nos a encontrar no mapa a nossa localização, depois a identificar o ponto para o qual nos queríamos dirigir. Finalmente, com a ajuda de uma bússola, a traçar o azimute que nos permitisse encontrar, no terreno, a direção que deveríamos seguir para alcançar o ponto anteriormente escolhido.

Com a bússola na mão, percorríamos, então, o caminho na direção indicada. Muitas vezes tínhamos que fazer desvios, pois

as dificuldades do terreno a isso nos obrigavam, mas como tínhamos definido qual o horizonte para que nos dirigíamos e conhecíamos a direção que deveríamos tomar, então, apesar dos desvios, conseguíamos reorientar-nos e colocar-nos da direção certa.

Hoje, com os GPS as coisas estão bastante mais facilitadas, mas os princípios de orientação mantêm-se os mesmos. Se não soubermos qual é o horizonte para onde queremos caminhar e não conhecermos a direção (o azimute) que nos pode colocar nesse sentido, então certamente continuaremos a correr o perigo de nos perder.

Ainda a lidar com uma pandemia e com as suas consequências a sentirem-se cada vez mais, o ano de 2021 vai certamente ser muito importante para nos reorientarmos no nosso caminhar não só como indivíduos, como comunidades, como povos e como estados, mas também como humanidade. Intuindo a importância do momento atual que estamos a viver, o papa Francisco, nesta mensagem, volta a propor a cultura do cuidado como azimute pelo qual orientar o nosso caminhar.

NA MUDANÇA DE TEMPO QUE ESTAMOS A VIVER É NECESSÁRIO DEFINIR BEM O HORIZONTE PARA ONDE QUEREMOS CAMINHAR

Estamos verdadeiramente a viver, como já se tornou evidente para quase todos, uma mudança de tempo. É, por isso, necessário, definir bem o horizonte para o qual queremos caminhar. Nessa tarefa a promoção da dignidade humana, a procura do bem comum, a prática da solidariedade, a salvaguarda da criação, a defesa da paz são princípios fundamentais a ter bem presentes. A partir deles poderemos encontrar a melhor direção, como nos é sugerido nesta mensagem:

num tempo dominado pela cultura do descarte e perante o agravamento das desigualdades dentro das nações e entre elas, gostaria de convidar os responsáveis das Organizações internacionais e dos Governos, dos mundos económico e científico, da comunicação social e das instituições educativas a pegarem nesta «bússola» dos princípios acima lembrados para dar um rumo comum ao processo de globalização, «um rumo verdadeiramente humano».

Na verdade, este permitiria estimar o valor e a dignidade de cada pessoa, agir conjunta e solidariamente em prol do bem comum, aliviando quantos padecem por causa da pobreza, da doença, da escravidão, da discriminação e dos conflitos. Através desta bússola, encorajo todos a tornarem-se profetas e testemunhas da cultura do cuidado, a fim de preencher tantas desigualdades sociais. E isto só será possível com um forte e generalizado protagonismo das mulheres na família e em todas as esferas sociais, políticas e institucionais.

UM FUNDO MUNDIAL PARA ELIMINAR A FOME

E porque se trata de uma mensagem escrita no contexto da celebração da paz, não quero deixar de sublinhar a proposta concreta que, uma vez mais, aqui é repetida por Francisco: “Como seria corajosa a decisão de criar «um ‘Fundo mundial’ com o dinheiro que se gasta em armas e outras despesas militares, para poder eliminar a fome e contribuir para o desenvolvimento dos países mais pobres»! Seguir um azimute, implica mesmo a decisão de dar passos concretos.

No início de um novo ano, que queremos possa ser também início de um tempo novo, tomo emprestadas as palavras de Francisco, desejando a todos um excelente 2021.

Neste tempo, em que a barca da humanidade, sacudida pela tempestade da crise, avança com dificuldade à procura dum horizonte mais calmo e sereno, o leme da dignidade da pessoa humana e a «bússola» dos princípios sociais fundamentais podem consentir-nos de navegar com um rumo seguro e comum.

Como cristãos, mantemos o olhar fixo na Virgem Maria, Estrela do Mar e Mãe da Esperança.

Colaboremos, todos juntos, a fim de avançar para um novo horizonte de amor e paz, de fraternidade e solidariedade, de apoio mútuo e acolhimento recíproco. Não cedamos à tentação de nos desinteressarmos dos outros, especialmente dos mais frágeis, não nos habituemos a desviar o olhar, mas empenhemo-nos cada dia concretamente por «formar uma comunidade feita de irmãos que se acolhem mutuamente e cuidam uns dos outros». ■



Foto de Maria Hewines | Unsplash

Tudo o que é amável

Inês Espada Vieira

No *magazine* semanal de Fernando Alves, na rádio TSF, *A espantosa realidade das coisas*, uma das comentadoras permanentes, a investigadora em Ciências da Comunicação, Rita Figueiras (o outro interlocutor é o sociólogo Paulo Pedroso), disse: “a visibilidade é reparadora” (programa do dia 13-12-2020).

O diálogo era sobre a memória coletiva e arte pública, mas a afirmação é verdadeira para diferentes contextos.

A visibilidade é um sinal de reconhecimento, de existência, de representação. Em distintos aspetos da vida dos indivíduos e das comunidades, ser visível, dar visibilidade, tornar-se visível, são processos com uma dimensão curativa e apaziguadora.

Olhar os outros, reconhecer o seu sofrimento e as suas necessidades, mas também partilhar os seus sonhos e aspirações é uma forma de amor. Esse amor *fraterno, eficaz, universal*, “que promove as pessoas” (FT 106) que é a irrecusável proposta do Papa Francisco.

Janeiro é habitualmente “o mês mais longo do ano”, sem uma festa especial, sem um feriado.

Este ano em particular, chegamos a ele saturados. Cansados do esforço de resistir ao desânimo, de ressurgir do pessimismo, de nos reerguermos dos dias de desalento. Todavia, há uma esperança inerente a todos os começos, um sopro de confiança que nos acaricia ou empurra.

NESTE ANO DE 2021, QUE ESTA ESPERANÇA SEJA A RESPIRAÇÃO RECONFORTANTE DOS DIAS

Mas também que o cansaço que sentimos não se transforme em confronto, em perturbação das nossas relações, que o amor sobressaia como guia de muitos dias, de 12 meses, de 70x7 anos...

Na morte do filósofo Eduardo Lourenço (1923-2020), Gonçalo M. Tavares escreveu sobre ele no Expresso um dos mais delicados textos:

A gentileza é uma forma de andar pelo meio dos vivos e dos móveis pesados que existem no meio deles, como quem contorna obstáculos e até os endireita se estes, por acaso, estiverem inclinados demais ou ligeiramente desequilibrados.

Ao ler estas palavras lembrei-me de outras de Paulo aos Filipenses: “Que a vossa bondade seja conhecida por todos” (Fp 4,5). A carta segue:

De resto, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é nobre, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é respeitável, tudo o que possa ser virtude e mereça louvor, tende isso em mente. (Fp 4,8)

A GENTILEZA, A DELICADEZA, A CORTESIA SÃO EXPRESSÕES DO AMOR, SÃO GESTOS BALSÂMICOS QUE REPARAM BRECHAS E CURAM FERIDAS.

Copio estas palavras de um escritor sobre um homem e junto-as às do Apóstolo, faço-o para as ler, para as ouvir em diálogo e para as partilhar convosco, como um apelo do bem e do bondoso, sem tempo e sem lugar. A gentileza, a delicadeza, a cortesia são expressões do amor, que permanecem e se destacam no rigor dos dias. São uma forma de olhar e dar visibilidade aos outros, gestos balsâmicos que reparam brechas e curam feridas.

Tende em mente tudo o que é amável. Amável é o que é gentil e o que é digno de ser amado. Que esta palavra que nos beija, como nos versos de Alexandre O'Neill, sirva de mote para o ano que agora se abre. ■



Foto de Irina Petrichel | Unsplash

À esquerda: Figueira da Foz, DEZ 2020. Foto: MSA.

Em baixo: Escultura na Igreja do Bom Samaritano. Foto Paoli PA.

CARTA AO FILHO

Não vivas sobre a terra como um estranho
Um turista no meio da natureza.
Habita o mundo como a casa do teu pai.
Crê na semente, na terra, no mar.
Mas acima de tudo crê nas pessoas.
Ama as nuvens,
as máquinas,
os livros,
mas acima de tudo ama o homem.
Sente a tristeza do ramo que murcha,
do astro que se extingue,
do animal ferido que agoniza,
mas acima de tudo
sente a tristeza e a dor das pessoas.
Alegra-te com todos os bens da terra,
com a sombra e a luz,
com as quatro estações.
Mas acima de tudo e a mãos cheias,
alegra-te com as pessoas.

Nazim Hikmet (1902 - 1963)



Santo António

1221

Pedro Teotónio Pereira
Museu de Lisboa
Santo António



Vida de Santo António de Pádua, Folheto, Séc. XX.
MA.IMP.0032

No ano de 2020 assinalaram-se os 800 anos da tomada de hábito franciscano (e mudança de nome) de frei António que, no final de 1220, partiu de Portugal para Marrocos para prosseguir a missão dos seus irmãos franciscanos que tinham sido martirizados em janeiro desse ano.

E será a partir de agora que frei António inicia um extraordinário percurso de missão, mas muito diferente do que ele próprio preconizara. No entanto, nada ainda fazia prever o que iria acontecer nos próximos 10 anos da sua vida, que culminará com a sua canonização no dia 30 de maio de 1232.

Mas voltemos a 1221. Os primeiros meses do ano serão marcados pela doença que obriga frei António a regressar a Lisboa durante a primavera de 1221. A tradição refere que uma tempestade arrastou o barco em que seguia para a Sicília, no sul de Itália. Em Messina, foi acolhido pelos frades franciscanos, e já restabelecido participou

no Capítulo-geral da Ordem, em Assis, marcado para o dia de Pentecostes de 1221. Com a presença do próprio São Francisco, o capítulo contou com a participação de mais de 3000 frades que aí acorreram com o desejo de conhecer o fundador, além de centenas de observadores, onde se incluía Domingos de Gusmão (futuro fundador da ordem dos Dominicanos). Este capítulo ficará conhecido como o capítulo das esteiras, pois a enorme multidão de participantes obrigou à construção de cabanas improvisadas onde dormiam em simples esteiras.

No final do capítulo, a 8 de junho de 1221, o (ainda) anónimo frei António foi acolhido por frei Graciano, provincial da Romanha (no norte de Itália) que o colocou no ermitério de Montepaolo (na cadeia dos montes Apeninos), uma habitação extremamente humilde, onde se alimentava de ervas do campo e de esmolas, numa solidão contemplativa e de dedicação ao trabalho braçal, celebrando missas e ajudando nos serviços domésticos.

Esta é a vida de frei António em 1221, que evocamos 800 anos depois, mas que, mais uma vez, irá tomar um rumo completamente diferente nos anos seguintes.

Na verdade, os últimos 10 anos da vida de Santo António serão extraordinários, o que nos permitirá evocar nos próximos 10 anos este Santo que 800 anos depois se tornou num dos principais santos da igreja e uma referência cultural a nível mundial. ■



Abertura *Fratelli Tutti*

Juan Ambrosio (Coordenação)



Sgraffito, o bom samaritano (Max von Mühlenen 1949). Foto AnBuKu, Commons Wikimedia

INTRODUÇÃO

Juan Ambrosio

A mensagem de Francisco para o 54º dia mundial da paz começa da seguinte maneira:

Aproximando-se o Ano Novo, desejo apresentar as minhas respeitadas saudações aos Chefes de Estado e de Governo, aos responsáveis das Organizações Internacionais, aos líderes espirituais e fiéis das várias religiões, aos homens e mulheres de boa vontade. Para todos formulo os melhores votos, esperando que o ano de 2021 faça a humanidade progredir no caminho da fraternidade, da justiça e da paz entre as pessoas, as comunidades, os povos e os Estados.

Os votos aparecem formulados de uma maneira clara e evidente, expressando o desejo que o ano 2021 possa ser não só verdadeiramente novo, mas também, atrevo-me mesmo a dizer, possa ser uma novidade em termos da vivência da fraternidade.

Fazendo uma alusão explícita à crise sanitária provocada pela Covid-19 e tendo em conta outros acontecimentos importantes testemunhados ao longo de 2020, Francisco insiste e propõe a cultura do cuidado como percurso de paz e como caminho para erradicar a cultura da indiferença, do descarte e do conflito, que hoje muitas vezes parece prevalecer.

Destacando uma série de princípios que nos podem guiar nesse caminho, o Papa retoma aqui uma preocupação transversal a todo o seu pontificado e que aparece plasmada com toda a sua força, diria profética, na recente carta Encíclica *Fratelli Tutti*.

Sendo mais do que uma reflexão, este texto reveste-se dos contornos de um autêntico Programa para a ação. Nele somos todos convidados, enquanto humanidade única, a ousarmos outros caminhos que nos conduzam a um futuro novo, que não seja apenas um voltar à normalidade a que estávamos habituados.

2021

PODE VERDADEIRAMENTE SER UM
ANO PARA MARCAR A DIFERENÇA

A isso nos interpela também a *Fratelli tutti*. Por isso, no primeiro número do ano e à maneira de abertura que nos convida a ir mais longe, partilhamos com os nossos leitores algumas pistas para ajudar a uma compreensão do texto, desejando que ele possa ser verdadeiro incentivo para passarmos à ação, empenhando-nos cada dia concretamente por “formar uma comunidade feita de irmãos que se acolhem mutuamente e cuidam uns dos outros”.



O Bom Samaritano, óleo sobre tela, Giambattista Langetti (1635-1676), Museu das Belas Artes de Lyon, França, Commons Wikimedia.

A POLÍTICA MELHOR

Francisco Vaz

Nas palavras do papa Francisco, *para se tornar possível o desenvolvimento duma comunidade mundial capaz de realizar a fraternidade a partir de povos e nações que vivam a amizade social, é necessária a política melhor, a política colocada ao serviço do verdadeiro bem comum. Ou seja, com o coração aberto ao mundo e com a amizade social, é possível uma política melhor que realize o melhor bem para todas as pessoas.*

Desenvolvendo conceitos em chave teológica, mas de forma muito prática e acessível Francisco explana o seu pensamento sobre o que deverão ser as políticas públicas e qual o papel dos decisores políticos. Numa primeira leitura parece-me que podemos dividir o texto no qual desenvolve esta reflexão em três partes: na primeira parte centra-se nos conceitos de *Populismos e Liberalismos, Valores e limites das visões liberais* e no *Poder Internacional* (155-175); na segunda parte o seu objetivo é dar nota da importância da *Caridade social e política, do Amor político e do Amor eficaz, os Sacrifícios do amor e o Amor que integra e reúne* (176-192). A terceira e última parte deste capítulo, *Mais fecundidade do que resultados* é como que uma exortação a quem ocupa cargos públicos para zelar pelo bem comum (193-197).

Numa muito breve e telegráfica análise do capítulo V da encíclica *Fratelli Tutti* realço algumas das passagens que me parecem mais significativas, o que não dispensa uma leitura integral do texto para a sua cabal compreensão. Começarei por realçar a dificuldade, segundo o Papa Francisco, de definir *populista* ou *não-populista*. Para além de já não ser possível *que alguém manifeste a sua opinião sem tentarem classificá-lo num desses polos: umas vezes para o desacreditar injustamente, outras para o exaltar desmedidamente* (156). Para o Papa a realidade social a que se designa por *povo* não é uma categoria lógica, nem uma categoria mística, no sentido de que tudo o que o povo faz é bom, ou no sentido de que o povo seja uma entidade angelical. É uma categoria mítica (158). Existem líderes populares que instrumentalizam a cultura do povo sob qualquer sinal ideológico, ao serviço do seu projeto pessoal e da sua permanência no poder (159).

Francisco assinala que *a grande questão é o trabalho porque não é só um modo de ganhar o pão, mas também um meio para o crescimento pessoal e partilhar dons* (162). Por sua vez, refere que *a especulação financeira do neoliberalismo, tendo a ganância do lucro fácil como objetivo fundamental, continua a fazer estragos. O mercado não pode cumprir plenamente a própria função económica* (168).

Sobre o poder internacional o papa Francisco reconhece a *perda de poder dos Estados sobretudo porque a dimensão económico-financeira, de carácter transnacional, tende a prevalecer sobre a política* (172). Por forma a assegurar o bem comum mundial lembra que *é necessária uma reforma quer das Nações Unidas quer da arquitetura económica e financeira internacional, para que seja possível uma real concretização do conceito de família de nações* (173).

Reconhecer todo o ser humano como um irmão ou uma irmã e procurar uma amizade social que integre a todos, não é uma mera utopia, escreve o Papa quando se refere ao *amor político* (180). Mais à frente, ao falar de *amor eficaz* especifica: *a caridade está no centro de toda a vida social sadia e aberta. É muito mais que um sentimentalismo subjetivo* (184).

A questão dos direitos humanos e a urgência de se encontrar soluções sempre que estes sejam postos em causa implica que os decisores de política pública se empenhem e *sejam chamados a cuidar da fragilidade dos povos e das pessoas. Cuidar da fragilidade quer dizer força e ternura, luta e fecundidade, no meio de um modelo funcionalista e individualista que conduz inexoravelmente à cultura do descarte*. E, continua, *as maiores preocupações de um político não deveriam ser as causadas por uma descida nas sondagens, mas por não encontrar uma solução eficaz para o fenómeno da exclusão social e económica, com as suas tristes consequências de tráfico de seres humanos, tráfico de órgãos e tecidos humanos, exploração sexual de meninos e meninas, trabalho escravo, incluindo a prostituição, tráfico de drogas e de armas, terrorismo e criminalidade internacional globalizada* (188).

Já no final, o Papa deixa um sinal de esperança ao realçar que *a política é mais nobre do que a aparência, o marketing, as diferentes formas de maquilhagem mediática* (197).

Finalmente, julgo oportuno referir que o papa Francisco se apoiou maioritariamente em documentos da sua autoria. Outros autores citados foram António Spadaro, Paul Ricoeur, Bento XVI, Conselho Pontifício “Justiça e Paz”, São João Paulo II, Conferência dos Bispos de França, Conferência Episcopal Portuguesa, Pio XI, São Paulo VI e René Voillaume. ■



Vitral do Bom Samaritano, Igreja da Cidade de Schwabach, Alemanha. Foto de Wolfgang Sauber | Commons Wikimedia.

O AMOR EFICAZ

Inês Espada Vieira

Ler a encíclica (duplamente) franciscana com sentido de abertura, de vastidão, de amplitude, de largueza de horizonte e de generosidade do coração...

O combinado com a equipa da revista *Mensageiro de Santo António* era preparar, sob a coordenação do Juan Ambrósio, *uma abertura sobre a Fratelli Tutti*. E quase como um doce vício linguístico pôs-se-me a dúvida acerca da preposição: *sobre ou para*? Curiosamente, nos *mails* trocados entre nós usaram-se ambas as regências.

Ademais, detive-me um pouco a pensar na palavra *abertura*. Dos seus vários significados, destaco a ideia de começo, de prelúdio, como numa sinfonia, por exemplo, e também a ideia de amplitude, contrária à de fechamento.

Afino a questão inicial: abrir *sobre* ou *para* a *Fratelli Tutti*? Acrescento mais uma preposição (e não esgota o “jogo”): abrir *ante* a *Fratelli Tutti*.

O convite destas páginas de *O Mensageiro de Santo António* é evidente: ler a encíclica (duplamente) franciscana com sentido de abertura, de vastidão, de amplitude, de largueza de horizonte e de generosidade do coração.

Um convite a que nos debruçemos sobre as palavras do Papa, a que escancaremos os nossos espíritos à entrada destas interações de Francisco.

A abertura é uma atitude nossa no acolhimento da encíclica, mas será porventura ainda mais uma consequência da sua leitura. Sentirmo-nos todos irmãos não é apenas uma expressão natalícia, um cristianismo embalado por frases banais, uma pseudo-justificação pragmática para gestos de assistencialismo, entre outras oportunidades. Sentirmo-nos todos irmãos é fazer-nos sair, ir ao encontro, reequilibrar os laços, é um desafio exigente (s)e mobilizador.

Se, como indivíduos e como comunidade, como grupo social, como cidadãos, não agirmos neste sentido da fraternidade, da proximidade, não fazemos nada de novo. Ficaremos sempre fechados nos mesmos contextos, no mesmo conforto, na mesma satisfação sobre as metas alcançadas. Entenda-se-me, não menosprezo as conquistas e o caminho percorrido, mas é preciso algo de novo.



Parábola do Bom Samaritano, ilustração nos Evangelhos de Rossano. Os Evangelhos de Rossano são um códice contendo os Evangelhos de Mateus e Marcos escritos em unciais finos de prata e ouro sobre pergaminho roxo. Originários da Síria, sec. VI, encontram-se na Biblioteca da Catedral de Rossano, Itália. Foto Michele Abastante | Commons Wikimedia.

Na sua coluna do jornal *Público*, o teólogo dominicano Frei Bento Domingues escreveu sobre a *Fratelli Tutti*: “Nada de novo. Tudo novo.” (11-10-2020). Esta frase, de certa maneira evidente (como só se revelam as sínteses bem feitas), pareceu-me logo não só uma leitura da encíclica como uma interpelação direta a mim, como sujeito, num *aqui e agora*. Tudo é novo.

A exigência, a urgência, o fim da centralidade das palavras (há uma Palavra central) e o momento da *ação amorosa*. Gosto muito da inusitada junção do adjetivo *eficaz* ao nome *amor*: “O amor eficaz” (FT 183 e ss).

Numa linguagem empresarial, usaríamos nomes como *capacitação* ou *formação* para falarmos de iniciativas de ensino-aprendizagem de técnicas de excelência e partilha de melhores práticas com vista ao aumento da produtividade.

Para o nosso mundo, a precisar de consolo e de cura, o amor é a “técnica” que nos é apresentada: “[...] a caridade pode construir um mundo novo, porque não é um sentimento estéril, mas o modo melhor de alcançar vias eficazes de desenvolvimento para todos.” (FT 183).

Esta aparentemente estranha ideia de eficácia no amor é, afinal, um dos apelos mais importantes que o Papa tem feito, o “nada novo” sobre que escreveu Frei Bento. O amor é performativo e o fim é o bem do outro.

A centralidade do amor é fundamental; não só nas nossas famílias, mas na sociedade, num mundo aberto a todos, na ação política, que é cerne desta encíclica.

Regresso ao verbo *abrir*, agora sem necessidade da preposição. A caridade é uma chave que abre portas. Certamente a porta da esperança. E nós “somos feitos de esperança”. ■



O Bom Samaritano, esboço do pintor impressionista alemão Max

Povo

Américo Pereira

Na sua Carta Encíclica *Fratelli tutti*. *Sobre a fraternidade e a amizade social*, Francisco apresenta uma formulação própria para o entendimento do que é o *povo*.



Liebermann, 1910. Foto de Tilman2007 | Commons Wikimedia

Esta formulação supera as noções superficiais que reduzem a realidade do povo a algo de material, numérico, da ordem da amálgama ou do amontoado, quaisquer, de indivíduos humanos, análogas à junção ontológica que se estabelece entre pedras ou batatas, por exemplo: um *monte de pedras*, um *monte de batatas*.

Por outro lado, também supera os sentidos mágicos de *povo* que se encontram em todas as ideologias e mesmo nas ciências sociais e políticas e demais ciências humanas: *o povo vencerá*.

Quer os sentidos primeiros quer os segundos não correspondem a coisa alguma real para lá da realidade mental de quem os formula: não têm correlato real. Nem sequer podem ser ditos como *abstratos*, pois a abstração faz-se necessariamente a partir de algo concreto, de que se *abstrai* algo com o fim de preservar outro algo, comum.

Tal significa que as comuns formulações de *povo* são falsas, pois não correspondem a qualquer realidade para lá da que são enquanto modos de pensamento. Ora, o *povo* não é um modo de pensamento. O *povo* é uma realidade especial, como todas as realidades colectivas; todavia, esta realidade colectiva não é apenas como todas as outras; da sua definição faz parte algo que diz necessariamente respeito à essência e substância da totalidade dos entes que a constituem: de todos e de cada um dos entes que a constituem, sem excepção.

Filosoficamente, a especialidade própria de um qualquer povo advém-lhe do sentido lógico definidor do próprio humano, que pode ser dito na fórmula aristotélica, segundo a qual o ser humano é o animal que possui o *logos*. Já em sentido teológico, e sem que o sentido filosófico seja posto em causa, acresce que a esta lógica ontológica humana se junta o facto de haver uma comum filiação transcendental humana num mesmo Pai: os seres humanos são todos filhos de um mesmo Pai, e é esta comum e irreduzível paternidade que faz deles irmãos, queiram ou não, saibam-no ou não. A irmandade humana transcende a própria humanidade considerada em sentido mundano imanente.

É este sentido de comum filiação em comum paternidade que permite ao Papa dizer, no §46, que há *uma fraternidade que o Pai comum nos propõe*. É este mesmo sentido que autoriza que se fale, no §154, em *comunidade mundial*, fundada sobre o *bem comum mundial* (§172), de que tem de fazer parte uma *família de nações* (§173), forma de o povo, que não é coisa intimamente indistinta, se organizar. Como é evidente, o sentido de *povo* que predomina nessa Carta não é o que coincide com o de unidades colectivas menores do que o todo da humanidade. No entanto, não há, também, termo melhor do que *povo* para designar tais entidades colectivas, analíticas relativamente ao sentido universal do termo.

Deste modo, os vários povos são parte integrante do que é o povo em seu sentido universal, esse que serve necessariamente de paradigma ao sentido de uma só humanidade de filhos de um mesmo Pai. Mais nenhum sentido o pode fazer. Sem se eliminar as diferenças – necessariamente culturais – entre os diferentes povos, elimina-se a sua diversidade, isto é, faz-se do povo em sentido universal o lugar lógico de convergência de todos os *diferentes* povos, o que impede a sua diversidade. Um povo nasce sempre da união das diferenças humanas, nunca da sua *diversidade*: para se construir um povo *é-se converso, não se é diverso*.

Esta convergência realiza-se através do amor político (§180-182), indiscernível da *caridade política*, isto é, do amor oblato pelo outro, do constante labor em ordem ao seu bem, exclusivamente, o que, imediatamente, porque o outro assim também procede, faz que todos sejam literalmente beneficiados.



O Bom Samaritano, François-Léon Sicard, Jardim das Tuileries, Paris. Foto de Marie-Lan Nguyen | Commons Wikimedia

É este o cerne ativo, segundo o fim de bem do outro, reciprocamente, que constitui a *amizade social* a que a Carta é dedicada. Esta amizade funda-se em atos paradigmaticamente na ação do *bom Samaritano*, esse que age sem outro fim que não seja o bem daquele que é objecto da sua ação.

Se se universalizar este paradigma de ação em termos de realização concreta, então, obtém-se o sentido da amizade social: ação recíproca entre irmãos que tem como fim o bem-comum do mundo, do povo que constitui o mundo em sentido humano.

Embora o sentido de povo seja *mítico, categoria mítica* (§158) – talvez entendível à luz de Pessoa quando diz que *o mito é o nada que é tudo* –, todavia, ainda que ultrapassando toda a métrica mundana, apoia-se na intuição da *dignidade imensa de pessoa humana* (§107), na grandeza ontológica do ser humano, como tal irreduzível, apesar dos esforços de tiranos e oligarcas vários.

Se é ‘mítico’ o sentido da universal paternidade humana, não o é a presença da grandeza ontológica de cada um de tais seres, assim haja quem, como o bom Samaritano, seja capaz de o intuir e de agir consequentemente.

A situação da humanidade, do ‘povo humano’, da humanidade como *povo*, sempre foi dramática – drama é ação – e sempre foi possivelmente trágica, mesmo que tal humanidade o não soubesse. Ora, nos dias que correm, afirma categoricamente o Papa, no §137, *ou nos salvamos todos ou ninguém se salva*.

Palavras duras, estas, próprias de um Papa que é gentil, mas diamantino no que diz respeito às grandes questões, que requerem respostas que sejam capazes de as eliminar. Apenas o amor elimina, aniquila o mal que é possível aniquilar-se; apenas o amor pode, como universal povo em ato de bem, construir a cidade. ■



Orações a Santo António

Querido Santo António, estamos a viver momentos muito diferentes do que imaginamos, tempos difíceis mas que em família e com amor vamos conseguir ultrapassar. Obrigada por me dar esta família linda e duas filhas tão queridas. Gostava de viver este Natal e toda a minha vida rodeada delas, do meu marido, dos meus pais e de toda a família. Sandra

Peço-te, querido Santo António, que enchas o meu coração de alegria e que continuemos a viver na paz de Deus. Intercede pelos meus pais falecidos, bem como pelos meus irmãos e família. Aumenta a fé deste lar e sê para sempre o nosso amparo nesta caminhada difícil, mas que se pretende gloriosa. A paz reine no mundo inteiro e, tu Santo António, sejas o meu obreiro junto do Pai. Paulo

Venho, querido Santo António, por este meio, pedir para que direcione esta minha solicitação de ajuda para junto do trono de Deus, para que Ele nos possa libertar rapidamente desta pandemia que está a afetar todo o mundo, não só a nível da saúde, mas também a nível económico. Peço especificamente para que a minha filha não seja contaminada com a Covid 19, visto que ela pertence a um grupo de risco, por ser asmática! Grata! Catarina

Muito obrigada, querido Santo António, por tudo o que me tens dado de cada vez que eu rezo o responso. Espero e peço-te que me oiças sempre e me ampares nas minhas aflições. Peço-te, também, que protejas a alma do meu querido marido, que também como tu, se chama Fernando. Obrigada.

Querido Santo António, olha pela minha família! Cuida de nós! Intercede por nós!

Querido Santo António, de coração agradeço todas as graças que me tens concedido, em especial a cirurgia do meu filho e espero que não nos abandones nesta dura caminhada. Ainda espero a continuação de uma boa recuperação para o meu filho. Que o rim continue a dar resposta. Mãe

Querido Santo António, a verdadeira sabedoria que nos deixaste foi o amor incondicional com todos os irmãos e uma vida cheia de exemplos para atingirmos o verdadeiro caminho da vida. Obrigado!

Peço-vos, querido Santo António, meu Santo protetor que ajudes a minha filha nestas horas de aflição do nascimento do meu neto. Que ele venha com vida e saúde e livra a minha filha de viver em pecado! Que ela acorde para vida de luz. Adélia

Ajuda-me, querido Santo António, nestes momentos complicados. Abençoa o meu caminho para que tenha um pouco mais de sorte. Sei que a sorte também é trabalhada, porém alguma fortuna ocasional fazia-me falta. Tentarei manter-me fiel e visitar o teu santuário sempre que a vida me permitir. Obrigado! Guilherme

Querido Santo António, amo-te muito e em ti confio! Vem curar-me e dar-me saúde, paz, bem como ao meu marido. Adoro-te. Nunca te afastes de mim! Isolina

O ano de 2020, querido Santo António, tem sido muito diferente, por isso estive em confinamento em casa com a minha família. Talvez para o ano de 2021 já esteja tudo bem! Constança

Ajuda-me, querido Santo António, a curar-me sem medicação. Ajuda-me a construir família, a ser um bom filho, um bom irmão, um bom pai e um bom marido. Guia-me no caminho de Deus! Que a vontade do Senhor nosso Pai seja, através de mim, como ele quer que seja. Que eu seja feliz e que faça os outros felizes. Obrigado, Santo António. Adérito

Todo o dia / Saio à rua/ espreito a lua/ E as estrelas/ Escondidas atrás do céu/ Transmitem-me graça/ Que tanto queria/ Fostes vós Santo António/ Quem ma concedeu! ■

A esperança em tempo de desespero

Graffiti em homenagem aos trabalhadores da saúde, do artista português de rua, MrDheo, Vila Nova de Gaia, 20 nov 2020. Foto: LUSA / José Coelho.

Manuel António Ribeiro

Depois de quase um ano de confinamento, sobrecarregamos muitas incertezas e inquietações, grandes sofrimentos e numerosas mortes. Tudo o que parecia firmemente seguro ficou de repente perturbado pela incerteza e por debilidades que nos ultrapassam. Tornou-se absurdamente clara a fragilidade das certezas que o ser humano construíra.

A eficácia mortífera de um vírus desconhecido constituiu um rude golpe no narcisismo do homem moderno, que acre-

ditava ter roubado o fogo aos deuses para trazer à terra as certezas inabaláveis de uma prosperidade sem limites.

Uma das maiores dificuldades para acreditar que é possível mudar o atual modelo económico, intrinsecamente desigual e injusto, é motivada pela ideia de que este mundo não tem concerto.

Partindo do dado de que todos os seres humanos constituem uma só família e verificando os sinais de que a humanidade caminha em sentido contrário a esta sua vocação, a encíclica *Fratelli Tutti*, convoca o mundo para uma mudança radical desta atitude paralisante.

Talvez as dolorosas consequências da Covid-19 possam dar azo a empreendimentos inovadores que há muito se tinham tornado imperiosos. O que Papa pede não é uma tentativa fraca de mudança mas um movimento de transformação que revolucione as várias dimensões da sociedade, desde os modos de produção e de trocas comerciais até aos hábitos de consumo, à maneira como se convive com o ambiente e às formas de poder e de comunicação. A tempestade inesperada do alastramento do vírus, afetando as populações mais desprotegidas, faz avançar a urgência da construção de um mundo mais humanizado, apesar de os sinais da sua gestação serem lentos e ainda pouco perceptíveis.

Os sucessos científicos e os avanços na medicina revelam-se limitados para responder à pandemia e isso impõe ao homem uma atitude de humildade que mitigue o triunfalismo do progresso.

Podemos sair engrandecidos desta dura provação, se ela favorecer o renascimento de uma Esperança construída em bases bem mais sólidas do que a ilusória fruição do consumo, de bem-estar material e de seguranças demasiado autorreferenciais.

Talvez possamos vir a descobrir, por exemplo, que muitas das reuniões anuladas e dos planos pastorais cancelados não fazem verdadeiramente falta à vitalidade da fé. Talvez a experiência dos nossos encontros desencarnados e asséticos nas redes sociais nos levem a apreciar muito mais o calor dos contactos humanos corporalmente celebrados. Talvez o confinamento nos ajude a descobrir melhor que a aventura da fé implica um desconfinamento permanente: o confronto com realidades novas obriga-nos a desofuscar tanto as dúvidas como as procuras.

Tal empreendimento pode sucumbir, se não acreditarmos verdadeiramente que a irrupção de Deus na história humana ilumina a nossa maneira de viver a Esperança no meio das preocupações de momento.

Foi a este mundo que um amor eterno estendeu os braços e isto deve ajudar-nos a religar a nossa atualidade a um tal mistério.

O SENHOR FARÁ DESAPARECER O VÉU DE LUTO QUE ENVOLVE TODOS OS POVOS...

O nosso Papa, em mensagem enviada ao recente festival italiano da Doutrina Social, deixa esta certa admoestação:

A esperança é a virtude de um coração que não se fecha na escuridão, não para no passado, não sobrevive no presente, mas sabe ver o amanhã. Neste sentido, ser Igreja significa ter o olhar e o coração criativos e orientados escatologicamente, sem ceder à tentação da nostalgia, que é, para todos os efeitos, uma verdadeira “patologia espiritual”.

A tradição cristã sempre sublinhou que o núcleo da fé não reside na adesão a um corpo de dou-

trinas, mas no acolhimento da presença real do Espírito de Deus no seio da história humana. Os gestos daqueles que nesta pandemia estão a abrir caminhos de Esperança com o cuidado prestado aos mais vulneráveis e com iniciativas de partilha e de misericórdia deixam perceber alguma coisa de Deus em ações humanas.

Ficamos estarecidos com os milhões de pessoas a quem o Covid-19 já ceifou a vida, mas a nossa Esperança faz-nos confiar que o Espírito Criador continua a transformar o mundo e a recriar a vida do Homem.

Um dos primeiros textos litúrgicos do Advento punha os cristãos a preparar-se para a celebração do Natal com este sonho de Isaías:

O Senhor fará desaparecer o véu de luto que envolve todos os povos... fará desaparecer a morte para sempre.

(cfr Is 25 6-10)

Uma semelhante utopia mobilizadora constitui a mola impulsional deste convite ao sonho, presente na recente encíclica do nosso amado Papa:

Sonhemos como uma única humanidade, como caminantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos. (F.T., nº 8)

Se este sonho for alma e sangue em nós, perceberemos que o *já* e o *ainda não* constituem polos não necessariamente opostos. ■



Entrada na Gruta da Igreja da Natividade, Belém, Cisjordânia. 8 DEZ 2020. Foto: EPA / Abed Al Hashlamoun.

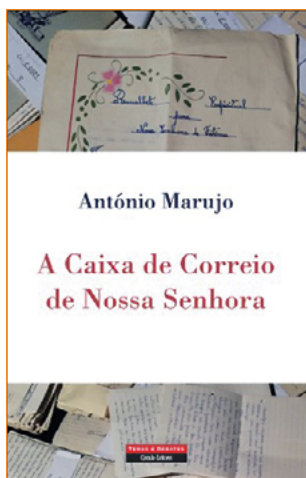
Livros

Rui Pedro Vasconcelos

A CAIXA DE CORREIO DE NOSSA SENHORA

A chamada *Caixa de Correio de Nossa Senhora* constitui um arquivo do santuário de Fátima no qual se conservam as mensagens ali enviadas de todo o mundo, a partir da década de 40 do século passado, dirigidas à Mãe de Jesus. Trata-se de cartas, bilhetes, postais, *ex-votos*, num número que atinge os milhões e que constituem uma expressão de devoção íntima e pessoal de inúmeros católicos de todas as origens sociais, económicas e familiares. Um espólio único e ainda desconhecido, que o jornalista António Marujo analisou ao longo de um ano numa amostra de 50 mil mensagens compreendidas entre 1940 e 1977, dando origem a esta publicação.

Encontramos nestas mensagens o húmus vital do que constitui a experiência humana, marcada, nestas décadas, pelos conflitos armados, dos quais a Guerra do Ultramar ocupou um espaço muito significativo nos dramas testemunhados. A dimensão religiosa sai, aqui, do âmbito dos púlpitos oficiais e da doutrina eclesial, para encontrar um diálogo simples, direto e confiado nas palavras escritas no meio das dificuldades culturais, sociais e económicas. A leitura destes manuscritos – conservados praticamente inéditos nos arquivos do Santuário – é acompanhada por contributos de diversas entrevistas a pessoas que trabalham ou refletem sobre Fátima, mas também ex-combatentes do então chamado Ultramar, historiadores deste período eclesial (sobretudo no quadro da oposição católica ao regime do Estado Novo) e investigadores críticos do fenómeno de Fátima. No final deste percurso, o leitor ficará certamente com uma visão outra, frequentemente esquecida, do que a experiência religiosa ligada a Fátima representou e continua a representar.

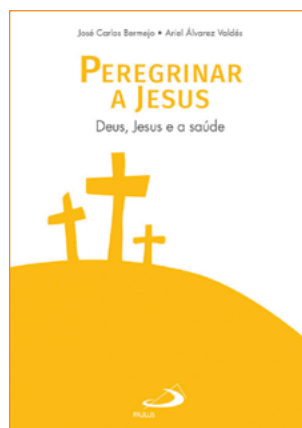


Autor
António Marujo
Edição
Temas e Debates
Páginas
248

PEREGRINAR A JESUS

Dois autores, ambos presbíteros com profundas experiências e preocupações pastorais – Valdés é biblista argentino, Bermejo é especialista na pastoral da saúde em Espanha – oferecem em *Peregrinar a Jesus* um contributo notável para aprofundar as difíceis e exigentes questões relacionadas com a saúde, o sofrimento e a relação de fé. Num livro escrito a quatro mãos, os autores debruçam-se sobre um texto evangélico – num total de nove – para o apresentar como uma Boa Notícia para o crente de hoje. Temas como o mal e a morte, os milagres, a cura, o perdão, a homossexualidade ou o amor aos inimigos são lidos em chave de libertação, quer no comentário atento dos textos proporcionado por Valdés, quer na reflexão psicoespiritual proposta por Bermejo.

Em textos curtos, numa linguagem simples e direta – ambos os autores dedicam-se com notabilidade à formação cristã de adultos nos respetivos países, realidade infelizmente muito limitada em Portugal – *Peregrinar a Jesus* transporta o leitor para o núcleo evangélico da mensagem do Reino de Deus, uma mensagem de libertação de tudo o que oprime o ser humano. Os comentários bíblicos de Valdés são permeados por uma compreensão das linguagens bíblicas e dos contextos próprios do seu tempo, que ajudam o leitor a acolher os paradoxos evangélicos; as propostas de reflexão pessoal e espiritual de Bermejo, feitas a partir do tema evangélico, conduzem o leitor pelo caminho do desenvolvimento pessoal, da cura interior e das relações que tecem uma comunidade humana. Os autores mostram como é possível falar de Jesus de Nazaré e dos textos evangélicos (sobretudo dos mais paradoxais) transportando-os para as experiências concretas de sofrimento e de cura que permeiam o presente. ■



Autor
José C. Bermejo,
Ariel A. Valdés
Edição
Paulus
Páginas
136

O MAL NÃO EXISTE O OLHAR DA RAPOSA

Cinema



Sheytan Vojud Nadarad (*O Mal não existe*)
de Mohammad Rasoulof, Drama, M/14,
ALE/Irão/República Checa, 2020.

Pe. Manuel Monteiro Mendes

Infelizmente, são ainda muitos os lugares deste mundo onde a pena de morte continua a existir e a ser praticada. Sirvam de exemplo estas notícias do *Público*, de 11 e 13 de Dezembro de 2020: *Trump autoriza onda de execuções como não se via há 124 anos; Alfred Bourgeois é o segundo executado em dois dias pela administração Trump; Irão executa jornalista por inspirar protestos de 2017 contra o regime.*

Infelizmente, como escreve o papa Francisco na *Fratelli Tutti*, durante décadas, pareceu que o mundo tinha aprendido com tantas guerras e fracassos... Mas a história dá sinais de regressão. (FT 10 e 11)

Felizmente, a Igreja continua a ser uma voz e uma luz cada vez mais forte e veemente na defesa da pessoa e da vida, na sua oposição e condenação da pena de morte: *Hoje, afirmamos com clareza que «a pena de morte é inadmissível» e a Igreja compromete-se decididamente a propor que seja abolida em todo o mundo.* (FT, 263) Temos muito que trabalhar.

Vêm estas palavras a propósito do filme *O Mal Não Existe*, de Mohammad Rasoulof. Trata-se um realizador iraniano, menos conhecido do que Kiarostami ou Jafar Panahi, cujo objectivo é denunciar as injustiças, opressão e falta de liberdade existentes no Irão. Por essa razão, e como é habitual, já esteve detido e impedido de sair do país. Este é o seu primeiro filme estreado entre nós.

Um filme feito com o coração que procura pôr diante dos nossos olhos a realidade da pena de morte no Irão, não a partir do ponto de vista dos condenados, mas precisamente daqueles que a executam ou se recusam a executar uma ordem como essa, com as consequências daí inerentes.

O *estratagema* escolhido por Mohammad Rasoulof é contar-nos quatro histórias diferentes, ao que parece a partir de casos verídicos, e levar-nos a perguntar-nos de que lado é que nos colocamos. Como nos situaríamos nós diante do dilema?

Por essa razão se invocou a propósito deste filme, a questão da *banalidade do mal* de Hannah Arendt, transplantada neste caso para o Irão, onde a *banalidade* da pena de morte é dramática. Somos apenas peões que executam ordens sem as questionar, como quem não tem alternativa? Ou, apesar de tudo, é possível recusar-se e assumir todos os riscos e consequências de uma tal opção? Como é possível ser-se um *homem normal* – pai atento, marido paciente, filho cuidadoso – e carregar no botão para enforcar com a maior das tranquilidades? De onde vem a força para não seguir em frente e retirar o banco, e arriscar tudo em nome da liberdade de consciência? A vontade e alegria de estar com a namorada no seu dia de aniversário, aproveitando os três dias de licença concedidos a quem mata em nome do Estado, podem justificar tal ato? De onde vem a serenidade e a paz para um pai que recusou uma execução mesmo sabendo que lhe seriam negados todos os seus direitos, até o de ver crescer a filha?

Não é fácil o julgamento e o filme torna-se interpelante por isso mesmo. Cada uma das histórias põe-nos perguntas e caminhos diferentes. Vale a pena parar para o ver, mesmo nestes tempos de horários estranhos. É que é demasiado fácil deixar-se escorregar pelo plano inclinado *da lei e da ordem*. E é demasiado difícil e exigente manter-se firme e fiel na estrada que não desiste nunca do *carácter sagrado* de cada pessoa, seja ela quem for, tenha ela feito o que for, para voltar ao papa Francisco. ■

A dureza do caminho

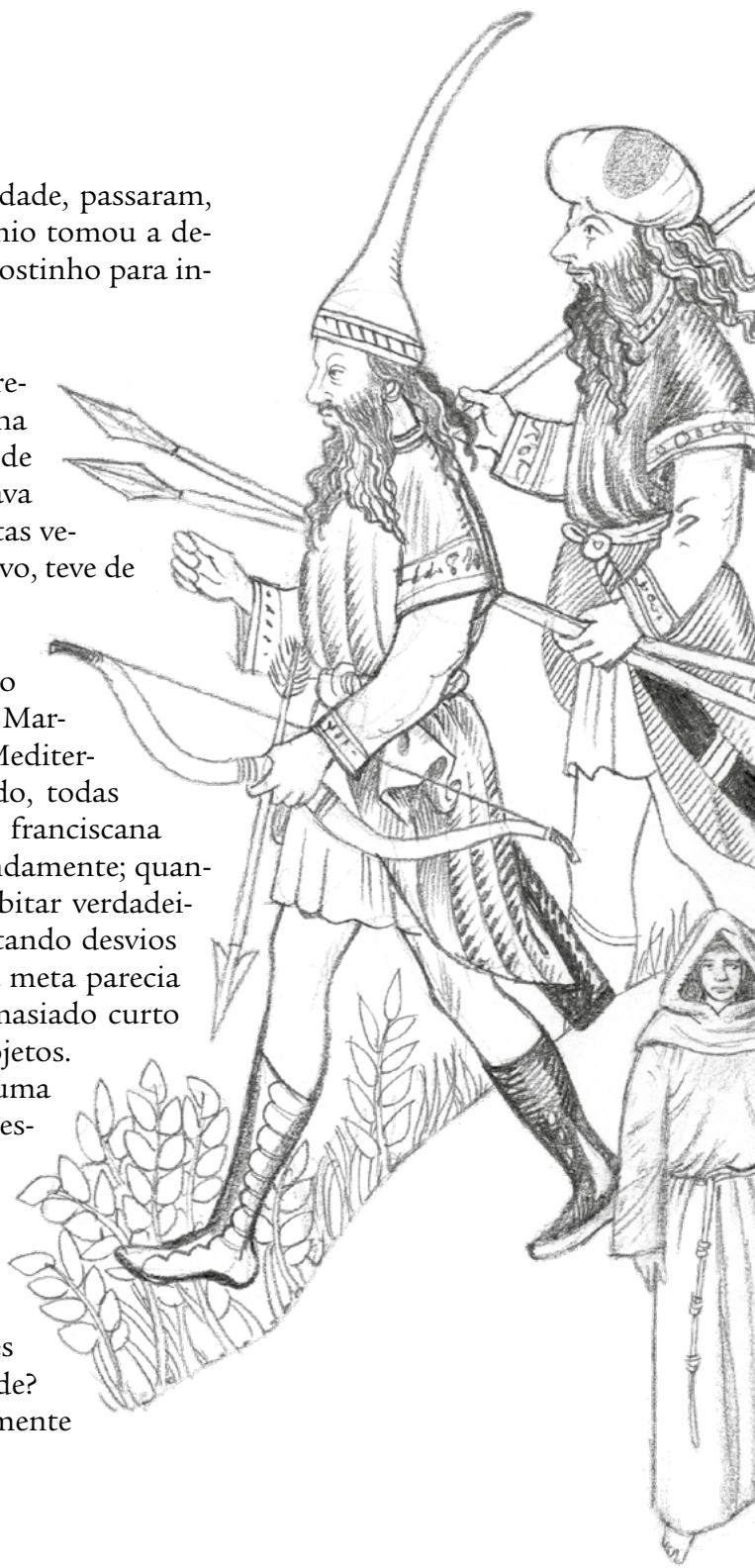
Fabio Scarsato

Ilustração: Luca Salvagno

Parece um longo percurso de vida, mas na realidade, passaram, apenas, poucos meses desde o dia em que António tomou a decisão de sair dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho para ingressar nos Franciscanos.

Segundo os projetos de António, tudo deveria resolver-se num rápido martírio em Marrocos: tinha sido esta a condição acordada para a mudança de camisola e de equipa. Mas António nem imaginava os projetos que Deus lhe tinha reservado! Quantas vezes, após ter feito as malas para o destino definitivo, teve de mudar de ideias e refazê-las novamente.

Quantos passos um atrás do outro, percorrendo caminhos, pedregosos em Portugal, arenosos em Marrocos, perfumados na Sicília, líquidos no Mar Mediterrâneo; com quantas pessoas não se terá cruzado, todas devidamente cumprimentadas com a saudação franciscana de “paz e bem”, mas nenhuma conhecida profundamente; quantos lugares calcorreados sem parar e sem os habitar verdadeiramente; seguindo diretamente para a meta, evitando desvios e ansioso por chegar o mais rápido possível. E a meta parecia cada vez mais longe, inatingível pelo desejo demasiado curto de vistas, pelo olhar circunscrito aos próprios projetos. Mas, agora, falando a sério, terá mesmo existido uma época passada no mosteiro de São Vicente? E a estadia em Santa Cruz terá sido um sonho? Quem terá realmente mexido os cordelinhos? O que é que sobra daqueles sonhos iluminados pelas pinturas da abóbada da igreja, enquanto ressoavam os cânticos sagrados? E dos sonhos vividos à sombra dos ramos das oliveiras resplandescentes de luz, ao redor da igreja de Santo António Abade? E os mártires? Porque é que as contas, humanamente falando, nunca batiam certo?



Depois de todos os seus projetos fracassados, António parte da Sicília, onde tinha naufragado no regresso de Marrocos, em direção a Assis, para se encontrar com Francisco.

E, no entanto, o rosário das oportunidades falhadas é bem inferior às oportunidades que, de novo, Deus fazia surgir à sua frente. Bastava acreditar e aceitar de bom agrado que fosse Deus a indicar o caminho. Afinal, era isso mesmo que Francisco de Assis andava ensinando aos seus irmãos. Mas António ainda nem sequer o conhecia.

Mais do que a saúde, foi, certamente, a ousadia juvenil que o sustentou ou não será, antes, que alguém se aproveitou dele, descaradamente, levando-o a passear de um lado para o outro pelo Mediterrâneo fora? Tal como aconteceu aos seus desejos ao descobrir que não eram exatamente os mesmos que ele queria. Mas, apesar de tudo e através deles, crescia a sua paixão por Deus e pelos irmãos. O entusiasmo nunca lhe faltou e nunca se deu por vencido, mesmo diante do aparente falhanço ou fracasso. Que lição ardente de vida e de fé nas areias escaldantes do deserto marroquino! Que escola a tempestade que o desviou para a Sicília, em vez de o levar para casa, em Portugal!

**TINHA TANTAS PERGUNTAS PARA FAZER,
TANTOS CONSELHOS PARA ESCUTAR...**

Porém, os frades que o acolheram na Sicília, deram-lhe logo uma boa notícia: esta era a hora de pôr-se a caminho novamente. Francisco, o seu fundador, tinha convocado todos os irmãos espalhados pelo mundo para uma reunião, em Assis, onde, na primavera seguinte, mais precisamente no dia 30 de maio, se iria realizar um “Capítulo”, nos prados e bosques ao redor da igreja de Santa Maria dos Anjos, a *Porciúncula*. Assim, também António poderia finalmente encontrar e conhecer pessoalmente o Irmão Francisco! Que maravilha! Iria ser, sem dúvida, um encontro decisivo. Tinha tantas coisas para lhe perguntar, tantos conselhos para escutar e ... centenas de quilómetros para percorrer a pé, desde a península italiana até à região da Umbria, bons para pôr em ordem as dúvidas e as perguntas. ■



Pela estrada fora (on the road)

Nicoletta Masetto

Para onde vamos?
Não sei, mas temos que ir.

De Nova York a São Francisco, do Texas ao México. Quilômetros e quilômetros percorridos a pé, de comboio, de boleia. Cruzando pradarias, montanhas, desertos.

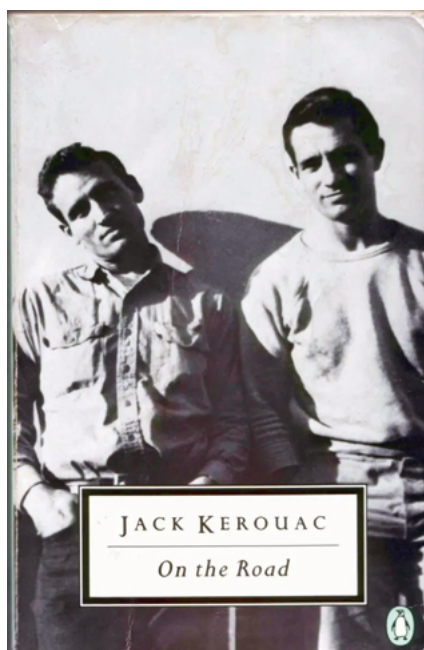
Horas e horas falando de fio a pavio com um companheiro de viagem. Noites passadas a dormir olhando as estrelas ou ouvindo música em locais de vanguarda.

Pela Estrada fora (On the road) é o diário de viagem de Jack Kerouac, que se tornou o símbolo da geração *beat*, sem intenção do seu autor. Um livro “ícone” atemporal, quase um texto sagrado para o movimento juvenil dos anos ‘50. Libertário, irreverente, desmedido, transgressor.

Kerouac escolhe escrever depois de um infortúnio que lhe destrói a carreira de jogador de futebol. Kerouac não se senta atrás de uma secretária, mas põe-se a caminho. Entre 1947 e 1950, realiza quatro viagens, na companhia de Neal Cassady.

Anota as suas impressões em folhas soltas, a partir das quais, em 1951, compõe o romance, escrito de um único fôlego ao longo de 36 metros de um rolo de papel de *telex*. Rejeitado pelos editores, só será publicado, em 1957. Os protagonistas são Sal Paradise, *alter ego* de Kerouac e Dean Moriarty, atrás do qual se esconde Cassady.

Para Sal e Dean, a estrada é a fuga do tédio, da rotina diária, do preestabelecido e é procura, contradição, sede de conhecimento. Eles não sabem o que os empurra, mas sabem que devem





Um romance “ícone”
que marcou uma época.
A narração da condição existencial
comum a muitos jovens.
Como aconteceu com António,
há oitocentos anos.

Cena do filme *On the road*, de Walter Salles. Drama, FRA, BRA, CAN, 2012

caminhar, que devem “Viajar! Perder países”, como escreveu Fernando Pessoa, e ele próprio: “Nada atrás de mim, tudo à minha frente, como sempre acontece pela estrada fora”.

TODAS AS ESTRADAS SÃO SEMPRE A MESMA ESTRADA

A estrada é muito mais do que asfalto para calcorrear. É o partir, ir com coragem e esperança; é expectativa, emoção e encontro. A estrada obriga a confrontar-se com as próprias ideias, a construir um pensamento próprio, a enfrentar o destino, a experimentar, a compartilhar, a sentir a respiração dos lugares e dos viajantes e, com eles, o próprio alento; a procurar a rota, a escutar a música por dentro e por fora.

Não é uma mera coincidência o facto de tudo ter sido escrito numa única e longa página. O autor sabe bem que a palavra estrada não deveria ter plural: de facto, todas as estradas são, afinal, sempre a mesma estrada.

PROCURO DEUS QUERO QUE DEUS ME MOSTRE O SEU ROSTO

A procura humana e literária está unida ao adjetivo *beat*, perdedor, diferente, proscrito, derrotado. Uma escolha de vida, deliberadamente estranha a um mundo não autêntico, marcado pelo êxito e pelo consumismo. O adjetivo *beat* significa, também, ritmo, o ritmo do jazz de Charlie Parker, da prosa do livro, mas também o modelo ético, que pede para “tocar” a própria vida e a própria arte sem descanso, até ao último suspiro.

O sentido mais profundo, talvez esteja, no entanto, ligado à raiz *beatific*. Um abraço libertador com a identidade e a humanidade mais profundas, que são o pleno e maduro desapego de tudo, êxtase e verdadeira bem-aventurança. Uma condição que Kerouac procurou toda a vida e nunca encontrou.

Numa entrevista, à pergunta: “Dizem que a geração *beat* é uma geração em busca de alguma coisa. O que é que você procura?”, ele respondeu: “Deus. Quero que Deus me mostre o seu rosto”.

E o rosto de Deus era o que, no fundo, buscava, também, o nosso António... ■

VIAJAR! PERDER PAÍSES!

Viajar! Perder países!
Ser outro constantemente,
Por a alma não ter raízes
De viver de ver somente!

Não pertencer nem a mim!
Ir em frente, ir a seguir
A ausência de ter um fim,
E da ânsia de o conseguir!

Viajar assim é viagem.
Mas faço-o sem ter de meu
Mais que o sonho da passagem.
O resto é só terra e céu.

20-9-1933

Poesias. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995). - 182.

Luís Leal



Um dos temas que marcou o ano de 2020 foi o da violência racial, sobretudo a que tem nos nossos irmãos de cor negra as suas vítimas.

Sabemos todos que este não é um problema novo e que demasiadas vezes tal violência foi até justificada em nome da religião. Mas a História também nos apresenta testemunhos de quem, perseguido por causa da sua fé, soube responder com amor e perdão. Esse é o exemplo do jovem Isidoro Bakanja.

Nasceu em Bokendela (entre 1885 e 1890), no “Congo Belga”, atualmente República Democrática do Congo. Eram tempos difíceis para os povos autóctones como a sua tribo Boangi, subjugados pelos homens do rei Leopoldo II da Bélgica, que tinha como único objetivo explorar as vastas riquezas daquele território (café, cacau, borracha natural, minerais, marfim...) que era gerido como sua propriedade pessoal.

Decide ser batizado a 6 de maio de 1906, após entrar em contacto com Missionários Carmelitas. Como presente e “marca” recebe dos Missionários um Rosário e um Escapulário de Nossa Senhora do Carmo.

Isidoro sentiu-se verdadeiramente transformado pela fé: os duros trabalhos no campo eram aliviados pela alegria e esperança dos cânticos e orações entoados e proclamados muitas vezes em voz alta, não sem surpresa e admiração dos seus companheiros de escravidão. Assim viveu a sua adolescência, entre os trabalhos penosos que lhe garantiam, apesar de tudo, algum sustento próprio, e a sua devoção e fé inabaláveis.

Certo dia, estando a trabalhar numa plantação de borracha em Ikiri, pertencente a um colonizador belga ateu, foi por este proibido de rezar ou cantar durante o horário de trabalho, e impedido de usar em público o escapulário e de ter con-

sigo o rosário. Isidoro, ao ver-se impedido de testemunhar livremente a sua fé, decidiu abandonar a plantação. Mas o colonizador prende o jovem e chicoteia-o, com tanta força que as suas costas se convertem numa grande chaga. A ferida obriga-o a uma longa convalescença (6 meses), um tempo de sofrimento mas também de solidariedade com os seus companheiros, com quem repartia os alimentos que recebia e continuava a animar com palavras de fé e de perdão. A este respeito, terá dito:

O branco não gostava dos cristãos. Não queria que eu trouxesse o escapulário. Insultava-me quando rezava. (...) Se Deus quer que eu viva, viverei; se Deus quer que eu morra, morrerei. Para mim é igual. (...) Não guardo nenhum rancor contra o branco. Açoitou-me mas isso é um assunto seu. Se morrer, pedirei desde o Céu muito por ele.

Morre a 15 de agosto de 1909 (com 20 a 25 anos), rodeado dos seus companheiros de trabalho, com o rosário nas mãos e o Escapulário de Nossa Senhora do Carmo ao pescoço.

A sua vida, um cântico de conversão, de amor, de fé e de perdão, levou o Papa João Paulo II a beatificá-lo em 1994, chamando-lhe o “Mártir do Escapulário”. O seu testemunho foi semente de obras de caridade promovidas por leigos e leigas carmelitas e demais devotos do escapulário de Nossa Senhora do Carmo. Se quiseres saber mais, o Frei João Costa publicou uma pequena biografia deste beato intitulada *Beato Isidoro Bakanja: Negro, puro e mártir* (Edições Carmelo). ■

Um Centro contra a COVID-19

As palavras e as obras de Santo António continuam vivas e espalhadas pelos “quatro cantos do mundo”.

Um dos projetos que a Cáritas Antoniana apoia, em Limoeiro, Nordeste do Brasil, tem já dois anos e consiste na construção de um Centro com cantina, escritórios, clínica e serviço de duche. A construção iniciou antes da Covid-19, em cooperação com o Instituto Padre Luigi Cecchin e está prestes a entrar em funcionamento, em plena pandemia, num dos locais mais pobres do Brasil.

“Os casos fatais de Covid-19 não param de crescer: os mais pobres estão a morrer e a sobrevivência dos que vivem nas favelas depende de instituições como a nossa”. O grito vem de Limoeiro, município de 60 mil habitantes no sertão, a 77 Km de Recife, capital de Pernambuco, no Brasil. Foi lançado por Renzo Compostella, presidente da Associação Veneta dos Amigos do Terceiro Setor, que há muitos anos apoia o Instituto Padre Luigi Cecchin de Limoeiro. O trabalho do Instituto centra-se na formação humana, educativa e profissional dos mais jovens, mas é de facto um centro de promoção social para toda a comunidade.

Nos últimos anos, a administração do Centro está a cargo da Congregação de Don Calabria, freiras com um grande coração e uma grande capacidade organizativa.



Frei José Carlos Matias

O projecto foi pensado e desejado em tempos em que nem se imaginava o que estamos a viver agora, mas a situação social já era muito grave.

As pessoas são muito pobres e não têm uma cultura de trabalho, porque têm um passado de escravidão. A exploração dos trabalhadores ainda hoje é normal. Trabalham de forma ilegal, sem documentos e sem direitos, para os senhores da terra, que são de tal modo ricos que nem sabem quantas cabeças de gado possuem.

A saúde é pública, mas só em teoria: “Eu precisei de tratamento no hospital – diz Renzo – e pude viver em primeira pessoa a falta de meios e de higiene. Na verdade, as pessoas não podem ser tratadas sem um seguro privado. Esta pandemia está a matar milhares de pessoas devido às condições de vida, que impossibilitam o distanciamento social, e devido às graves deficiências do sistema de saúde”.

A maioria das famílias não tem estabilidade, são mães solteiras com muitos filhos, em barracas sem condições e sem casa de banho. As pessoas vivem de trabalho precário e pequenos biscates.

Mas Dom Luigi tinha uma visão e era teimoso, contra todas as evidências. “Nos primeiros anos, as ruas de Limoeiro fervilhavam de meninos e meninas de rua, hoje já não é assim. Ele trouxe-os de volta para a escola, ensinou-lhes um ofício, acompanhou-os em todas as fases da vida como se estivessem numa família. Em cinquenta anos de história, o instituto já atendeu mais de 22 500 pessoas. Muitos ex-meninos de rua hoje têm família, pequenos negócios e estão a criar uma nova cultura de trabalho”.

O novo Centro da Cáritas está concluído e alguns equipamentos já chegaram, mas ainda não foi possível inaugurá-lo: a emergência, hoje, é encontrar alimentos para que as famílias possam sobreviver. Quando for inaugurado, será uma festa poder servir refeições quentes e providenciar roupas, alimentação e cuidados de saúde.

No meio do inferno, já existe um “além” que aguarda Limoeiro e o seu povo. E nesse “além” também estamos nós, a Cáritas de Santo António. Com a Pandemia entendemos “por dentro” o que significa esperar por um novo dia. ■



Frei Valentim Strappazon

Virgem do Bom Ar, uma obra-prima do início do século XVII, assinada pelo pintor português Vasco Pereira Lusitano, Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), Lisboa, 30 de julho de 2020. Proveniente de uma coleção particular, a obra, uma das mais importantes do pintor português radicado em Sevilha no final do século XVI, junta-se ao seu acervo, num depósito por cinco anos, e pode ser vista até 13 de dezembro. LUSA.

A estrela do Oriente

A PALAVRA DE DEUS

Tinha Jesus nascido em Belém da Judeia, nos dias do rei Herodes, quando chegaram a Jerusalém uns Magos, vindos do Oriente.

«Onde está – perguntaram eles – o rei dos judeus que acaba de nascer?

Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo».

Ao ouvir tal notícia, o rei Herodes ficou perturbado e, com ele, toda a cidade de Jerusalém. Reuniu todos os príncipes dos sacerdotes e escribas do povo e perguntou-lhes onde devia nascer o Messias. Eles responderam: «Em Belém da Judeia [...]».

Então Herodes [...] enviou-os a Belém e disse-lhes: «Ide informar-vos cuidadosamente acerca do Menino; e, quando O encontrardes, avisai-me, para que também eu vá adorá-lo». Ouvido o rei, puseram-se a caminho. E eis que a estrela que tinham visto no Oriente seguia à sua frente e parou sobre o lugar onde estava o Menino. Ao ver a estrela, sentiram grande alegria. Entraram na casa, viram o Menino com Maria, sua mãe e, prostrando-se diante d’Ele, adoraram-no.

Mt 2, 1-11

A PALAVRA DE SANTO ANTÓNIO

Jesus Cristo é estrela resplandecente na ilustração do espírito, é a estrela da manhã no conhecimento da verdade.

O Oriente é a vaidade ou a prosperidade do mundo. Jerusalém, que significa pacífica, é o estado da vida nova, da penitência.

Feliz o estado em que há a beleza da consciência pacífica, a confiança do viver santo, a opulência da caridade fraterna.

Portanto, assim como a estrela trouxe a Jerusalém os Magos desde o Oriente, também a divina graça atrai os pecadores ao estado da penitência desde a vaidade do mundo, a fim de que procurem o Rei nascido, procurando O encontrem e encontrando O adorem.

“Onde é que nasceu o Rei dos Judeus”, o Rei dos confitentes, dos penitentes? Procuram o Rei dos penitentes, nascido em si próprios, aqueles que se propõem fazer penitência.

“Nós, dizem, no Oriente, na vaidade do mundo, vimos a sua estrela, conhecemos a sua graça e assim por meio dela viemos adorá-Lo”.

APROFUNDAMOS

A estrela dos Reis Magos, segundo Santo António, é o símbolo da luz que brilha na noite do mundo, ilumina a nossa alma e nos conduz à verdade. E esta luz é Cristo: “Eu, diz Jesus no Apocalipse, sou a geração e a raiz de David, a estrela resplandecente da manhã (Ap 22,16). Esta estrela vem do Oriente. Na Bíblia, o Oriente é símbolo de luz, de graça, porque é do Oriente que nascem o sol, o dia e a vida. *Oriens*, do latim *orior*, significa “surgir, nascer”. E qual é a fonte mais viva, mais esplêndida, mais quente e mais brilhante do que Cristo, “a luz do mundo”? (Jo 8,12).

Mas também há os que voltam as costas a esta luz e seguem as vaidades, desprezam a pobreza, a humildade, a cruz de Cristo e declaram felizes os que se entregam aos prazeres e gozam das suas riquezas. A estrela nos leva, então, a Jerusalém, símbolo da paz, da vida santa, do amor fraterno e da graça que nos conduz das vaidades do mundo à nova vida de penitência. Ela nos guia na busca do rei nascido em nosso coração, para encontrá-lo e adorá-lo.

Hoje, também, muitos se perguntam: onde nasceu o Rei dos Judeus, o Messias, o Salvador que pode trazer a luz, a paz e o amor ao nosso mundo? É possível encontrá-lo entre as muitas propostas de verdade que nos são feitas? A humildade da Virgem olhou para o Oriente, e foi iluminada pelos seus raios. Então, digamos com os Magos e com Maria: ***No Oriente, na vaidade do mundo, vimos a sua estrela, conhecemos a sua graça e viemos adorá-Lo.*** ■



Fratelli Tutti

Um sonho desfeito em pedaços

A situação atual do mundo não se abre à esperança. Consumismo, individualismo, indiferentismo marcam a nossa geração. Que significado têm hoje palavras como democracia, liberdade, justiça, unidade? As pessoas já não são vistas como um valor primário a respeitar e tutelar, especialmente se são pobres ou deficientes, se «ainda não servem» ou se «já não servem» (FT 14, 18).

A economia está doente. Os direitos humanos são desprezados e espezinhados. A violência e as guerras alastram e convivem, perante a indiferença geral. O problema dos migrantes e das fronteiras é um drama e um pesadelo. De certeza, as migrações constituirão uma pedra angular do futuro do mundo (FT 22, 40).

Apesar de tudo, caminhemos na esperança, porque ela é uma realidade enraizada no mais fundo do ser humano (FT 54, 55).

Crianças num campo de refugiados correm atrás de uma infância que lhes tem sido roubada e de um futuro que lhes tem sido negado. Primeiro pela guerra, pela pobreza e pelos conflitos gerados nos seus países de origem e depois pela burocracia europeia e pela indiferença generalizada de todos nós. A Agência da ONU para os Refugiados (ACNUR) estima que cerca de metade dos refugiados do mundo são crianças e que 48% dessas crianças e jovens em idade escolar não têm acesso à educação. **Foto de Joana Simões Piedade**, Ilha de Chios, Grécia, janeiro de 2017.